

A LEITURA COMO UMA DAS BASES DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

READING AS A BASIS OF SCHOOL EDUCATION

Adair Adams

Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Vacaria, RS, Brasil. E-mail: adairadas@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1689-2691>

Antonio Escandiel de Souza

Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil: E-mail: fjunges@unicruz.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6531-3794>

Fábio César Junges

Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil: E-mail: fjunges@unicruz.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7412-9566>

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v1i2.10>

Recebido em: 08.05.2020

Aceito em: 12.08.2020

Resumo: A linguagem se tornou o pressuposto mais geral para a compreensão humana e suas formulações teóricas sobre si e o mundo. O texto, pensado em todas as suas variantes literárias, é a forma mais usada para apresentar os conhecimentos que os seres humanos formulam. Sua construção não se basta a si mesma, pois requer a leitura, sua interpretação e apropriação de sentido pelas novas gerações que chegam ao mundo. Por meio de pesquisa bibliográfica, o artigo objetiva mostrar potencialidades literárias e filosóficas da leitura do texto como uma das principais bases da educação escolar. Mesmo com o avanço das imagens como nova forma de comunicação por meio das mídias sociais, a leitura ainda é fundamental por ser um modo de desvelamento do humano e do mundo. E a educação tem essa tarefa de tornar esse desvelar em um sentir em casa no mundo por meio dos conhecimentos legados pela tradição.

Palavras-chave: Ler. Texto. Compreensão. Modo de ser. Educação.

Abstract: Language has become the most general assumption for human understanding and its theoretical formulations about itself and the world. The text, thought in all its literary variants, is the most used form to present the knowledge that human beings formulate. Its construction is not enough for itself, as it requires reading, its interpretation and appropriation of meaning by the new generations that arrive in the world. Through bibliographic research, the article aims to show literary and philosophical potentialities of reading the text as one of the main bases of school education. Even with the advancement of images as a new form of communication through social media, reading is still fundamental because it is a way of unveiling the human and the world. And education has the task of making this unveiling a feeling at home in the world through the knowledge left by tradition.

Keywords: Read. Text. Understanding. Way of being. Education.



1 Considerações iniciais

Este artigo versa sobre uma prática escolar de leitura de clássicos da literatura, desenvolvida pelos autores nos componentes curriculares em que são responsáveis, cada um em sua Instituição. O objetivo é debater o papel da leitura no desenvolvimento humano de forma integral, sobretudo da dimensão cognitiva que é responsabilidade da escola. Compreende-se que o ato de ler não só em termos de quantidade, mas da qualidade do que é lido, e impacta direta e decisivamente sobre o perfil de estudante. O cuidado com a efetividade dessa prática nas escolas se torna, então, uma tarefa primordial para qualificar o seu operar pedagógico.

Na obra “Escrever é preciso” (2006), de Mario Osorio Marques, há uma tese pressuposta de que *ler é preciso*. Marques (2006, p. 12) afirma: “Não se apegue à letra desta escrita, mas dela faça trampolim para sua imaginação criadora. Ler é descortinar muitas leituras possíveis, é dilatar os horizontes das próprias percepções, horizontes dos muitos mundos abertos à inventividade criativa”.

A importância da leitura é tema de afirmações de diversos autores clássicos. Bacon (2007, p. 36) afirma que “a leitura traz ao homem plenitude, o discurso segurança e a escrita precisão”. Descartes (1999, p. 24), por sua vez, afirma que “a leitura de todos bons livros é como uma conversa com os melhores espíritos dos séculos passados, que foram seus autores, e é uma conversa estudada, na qual eles nos revelam seus melhores pensamentos”. Em uma época de inovação tecnológica, com um destaque para a imagem e para os vídeos, a leitura carece de uma prioridade cotidiana. Bill Gates, reconhecido como o grande nome da tecnologia comunicacional que parece descredenciar a importância da leitura, afirma que “meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história”.

Os argumentos apresentados a seguir tem por base uma pesquisa bibliográfica que permite visualizar o potencial da leitura no âmbito escolar. O desenvolvimento da reflexão tem um viés filosófico e literário que busca apresentar o ato de ler como um desvelamento de si mesmo de um sujeito, dos outros e do mundo. No encontro demorado com o texto há uma convivência com a humanidade em seus modos de ser, pensar e viver. O horizonte do percurso que seguimos é justificar a necessidade da leitura de bons textos, pois apesar de nossa época ler mais que qualquer outra em função das mídias sociais, esse “mais” dá indícios de ser menos qualitativamente por ser apenas uma conjunto de informações em alta velocidade que esquecemos rapidamente.

2 Argumentação

O tempo presente é marcado pela comunicação, sobretudo pelo avanço frenético das tecnologias entendidas como meios de comunicação. Com isso, uma nova cultura vai se configurando e determinando o modo de ser do ser humano. Uma nova sociedade vai se constituindo com perspectivas culturais e sociais segundo aquilo que o ser humano mais se ocupa. Ainda não se tem clareza do desfecho desse jeito de convivência, tanto em termos antropológicos quanto sociológicos.

Um dos elementos organizadores está sob forte determinação dessa sociedade da comunicação, ou como muitos designam, sociedade da informação, é a educação. É preciso dizer

que no essencial está indeterminado o lugar onde se vai chegar. As tecnologias da comunicação fazem parte do bojo da educação de forma imprescindível, não porque ela assim o seja, mas porque o modo geral de organizar do ser humano assim o é e está sendo. Não há como negar as vantagens e facilidades que as mesmas proporcionaram para palestras, cursos, oficinas, explicações de temas e assuntos diversos, aulas presenciais ou não, enfim, para as mais diversas formas de educação e formação.

Com todos os avanços dos meios de comunicação de massa, sobretudo da TV, a imagem acabou substituindo as leituras não apenas no campo das notícias, mas da própria cultura. Outrossim, a universalização e globalização de todo o tipo de informação e formação pela internet transformou toda a forma de pesquisa escolar, em que a maioria dos alunos não lê no sentido literário, apenas acessa mensagens, e não escreve quase nada, apenas copia e transforma algumas partes daquilo que está na internet.

Uma nova forma de percepção e representação da realidade marca a sociedade atual. Trata-se, em verdade, da passagem de uma cultura moderna, realista, narrativa, descritiva para uma cultura visual, cinematográfica, intermitente, fragmentada. A questão, no fundo, é de uma nova maneira de ver o mundo e de representá-lo que mudou o sentido da educação e da formação na vida das pessoas pela tecnificação em todos os recantos da pesquisa e do trabalho.

A nova cultura tem modificado, entre outros fatores, basicamente a relação dos sujeitos com o tempo e o espaço. O tempo, dessa forma, não é mais, como, por exemplo, na fotografia, capturado num instante pontual, estático, mas pode parar, inverter-se, repetir-se, fazer avançar ou retroceder a ação, dando forma à simultaneidade. Da mesma forma que se tem uma noção de tempo fluente, intemporal, ritual e cíclico, também se têm mudanças significativas na noção de espaço. Se antes o espaço era tomado como limitado, estático, homogêneo e fixo, na cultura visual ele vem assumindo um caráter ilimitadamente dinâmico e fluído.

Decorre daí que a leitura dos textos, entendida dentro da atual percepção da realidade, num olhar não muito reflexivo, revelar-se-ia sem grande valor e alcance e, por que não dizer, obsoleta, afinal de contas é formada de palavras inscritas que não mais se alteram. Segundo Deleuze (2020), em entrevista passada na TV Futura, esse é o motivo central de um empobrecimento da literatura em nível mundial. O autor reclama porque isso é uma manifestação do empobrecimento da capacidade de criatividade, de compreensão do sentido e da vida do ser humano, que está sendo relegada à marginalidade pela agilidade e facilidade dos meios e tecnologias da informação.

Essas mudanças de formas de representação abrem, portanto, questionamentos quanto ao lugar e o alcance que os textos literários têm em nosso meio. Tendo presente essa problemática, procuramos desenvolver uma perspectiva de compreensão positiva do texto, tendo como base o pensamento do filósofo francês Ricoeur. A fim de satisfatoriamente desenvolvê-la, o caminho de uma determinada compreensão de ser humano às possibilidades do texto precisa ser percorrido. É essa proposta que está em questão com a iniciativa de mobilizar os alunos para a leitura a partir de uma compreensão do seu sentido e de suas potencialidades.

Partimos da compreensão de que a posição do ser humano não está dada, não é deduzida, nem é uma intuição de si a si, mas precisa ser retomada através das suas obras. Se, na cultura moderna, o ser humano se encontra no centro focal e tudo é percebido a partir do ver humano, com a nova cultura visual, o sujeito perdeu suas forças. Disperso e mergulhado num universo fragmentado, encontra-se perdido diante de si mesmo. Rilke (2001, p. 17) escancara esse deserto

existencial na abertura das Elegias: “Quem, se eu gritasse, entre a legiões dos Anjos me ouviria?”.

Onde quer que o ser humano compreenda algo, compreende a partir do horizonte da linguagem, que marca o acesso a si, ao outros e ao mundo. É a partir dela que se torna possível o conhecimento, valorações, tomada de posições no mundo. A linguagem é muito mais que um código do qual nos utilizamos para o exercício da comunicação, é todo um histórico de sentido no qual os sujeitos emergem como tais e se tornam responsáveis pela renovação do mundo.

Essa noção não se constitui na erradicação do sujeito, mas em uma relativização; é assentado no plano da linguagem, deixando de ser uma verdade primeira, de fundamento, para tornar-se tarefa, resultado. É o desejo de uma transparência absoluta, de uma perfeita coincidência de si consigo mesmo, que é transferido para um horizonte sempre mais longínquo do aberto enquanto horizonte de sentido.

O sujeito, desse modo, somente se compreende “retomando o sentido das palavras de todos os homens” (RICOEUR, 1986, p. 46). Contudo, a retomada do sentido das palavras de todos os homens não pode ser absolutizada. A compreensão, possibilitada pela exegese dos signos, apenas pode produzir fragmentos, sabidamente parciais, dessa exegese de si e do ser mediado. Procuramos tirar consequências metodológicas dessa análise para a problemática aqui apresentada, pois a linguagem tem muitos modos de ser e estar. Na hermenêutica, o texto é um modo privilegiado.

Uma das principais características do texto é a sua referência, de ser sempre a respeito de algo. Não há texto, por mais fictício que seja, que não tenha uma referência, que não vá ao encontro da realidade, que seja somente para a sua própria glória. Há sempre linguagem em utilização e, conseqüentemente, deve ter um referente. Afinal, os textos falam de coisas, de acontecimentos, de estados de coisas, que são evocados, mas que não estão aí. Os textos são construções argumentativas em torno de alguma coisa. A respeito de quê? De um *mundo possível* de ser e habitar. O texto, para Ricoeur, transcende o discurso descritivo, constatativo, para não dizer ordinário, e atinge o mundo em um segundo nível, o mundo possível.

É o apagamento da referência de um primeiro nível que liberta um poder de referência para aspectos de nosso ser-no-mundo. Essa dimensão referencial tem uma consequência importante para o conceito de interpretação: “interpretar é explicitar o modo de ser-no-mundo exposto diante do texto” (RICOEUR, 2000, p. 121); é explicitar as referências não situacionais que sobreviveram ao retraimento e que, portanto, são ofertadas como modos possíveis de ser, como dimensões simbólicas de nosso ser-no-mundo. O que se dá a compreender é o que aponta para um *mundo possível*, em termos de referência não ostensiva do texto. Os textos revelam ao sujeito mundos possíveis e maneiras possíveis de se orientar nas situações de cada dia.

Ao entrar em contato com o texto, “o sujeito encontra uma *proposta de mundo*, de um mundo que eu possa habitar e nele projetar meus possíveis mais próprios” (RICOEUR, 2000, p. 122). O mundo do texto não é o mundo da linguagem cotidiana. Constitui, em verdade, uma espécie de distanciamento com o real. O texto, como tal, produz um distanciamento na maneira habitual de apreender a realidade. O referente está em ruptura com a linguagem ordinária, a fim de que se abram novas possibilidades de ser-no-mundo. O texto, desse modo, visa o ser, no entanto, “não sob a modalidade do ser-dado, mas sob a modalidade do poder-ser. Por isso mesmo, a realidade quotidiana é metamorfoseada graças ao que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera no real” (RICOEUR, 2000, p. 123).

O mundo do texto, contudo, não se limita apenas a metamorfosear a realidade cotidiana. Além de introduzir um distanciamento entre o ser-dado e o poder-ser, libertando, dessa forma, o leitor da imediatidade fática e conduzindo-o ao mundo possível, o texto é mediação para a compreensão de si mesmo. Essa abordagem coloca em cena a subjetividade do leitor que com ele entra em contato. A subjetividade do leitor é deslocada. É nesse nível que a mediação do texto se deixa compreender melhor. Pois se, de fato, a primeira preocupação não é descobrir uma intenção escondida no texto, mas expor um mundo diante dele, então podemos dizer que o leitor se compreende em face do texto.

Ao invés de projetar as suas próprias crenças e preconceitos sobre o texto, o leitor é instruído pelo mundo do texto. Daí em diante, o texto não é submetido às capacidades finitas de compreensão de um leitor dado. Não põe a significação do texto sob o poder do intérprete. Longe de dizer que a compreensão é uma constituição de que o sujeito teria a chave, Ricoeur defende que a interpretação é o processo pelo qual há o desvelamento de novos modos de ser e de ver, que proporcionam ao sujeito uma nova capacidade de se compreender e compreender as relações. Se existe algum projeto, é a referência do texto que é o projeto de um mundo.

Justamente ao fazer referência a um segundo nível, o texto não se satisfaz com o imediatamente dado. É de sua própria natureza transcender o imediato. O alcance dessa perspectiva somente pode ser percebido se se vai além do que se apresenta empiricamente. Enquanto que o mundo empírico se apresenta como fato, o texto refere-se a este mundo apenas como um dos mundos possíveis. A questão é deslocada do objeto como fato para o mundo como possibilidade.

Os textos têm a ver, desde o início, com a constituição rigorosa da realidade desse mundo possível que é aberto pela leitura. Tem a ver com a passagem do visível do fato à invisibilidade real da sua possibilidade que permite pensar para além do visível. Sua leitura e elaboração são, por isso, atividades dinamizadoras em que o próprio ser humano se constitui como autor de sua vida e de seu mundo.

Pela leitura a imaginação ganha todo o seu sentido e toda a sua importância para a educação. A avalanche de imagens é uma forma de atrofiar a capacidade de imaginar. Sua consequência direta é a incapacidade de produzir textos e copiar decisivamente todos os trabalhos na internet. É o livro que requer que imaginemos a situação, a realidade, os sentimentos, as alegrias e dores que são elaboradas por um autor. Nos outros meios de comunicação eles são dados, as imagens estão prontas. Isso é uma visão mercadológica, onde a propaganda dos produtos tem como carro chefe a lei do menor esforço possível.

Aquilo que os olhos não leram, os ouvidos não escutaram e a racionalidade ainda não entendeu, isso a educação preparou para aqueles que a amam. A nós aprendizes, porém, foi facilitado pelos educadores. Pois os educadores sondam todas as possibilidades de compreensões, até mesmo a profundidade da vida em educação. Nós não recebemos a educação em si, mas a educação que vem por meio de testemunho de educadores, a fim de que reconheçamos os dons e graças que a formação permite dar sentido à vida, para uma vida com sentido.

Mas após o *Fiat* político deva vir o *Fiat* literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante soa a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? É mais fácil renegar uma nação, que uma literatura. *Para esta não há gritos de Ipiranga*; as modificações operam-se vagarosamente; e *não se chega em um só momento a um resultado*. (ASSIS, 2020, p. 39).

3 Indícios reflexivos

Como ficou visto anteriormente, uma das características do discurso como evento é a sua referência, isto é, é sempre a respeito de algo. Sabe-se que a passagem da fala para a escrita afeta o discurso de diversas maneiras. Fica alterado, especialmente, a sua referência, pois, não há mais situação comum, em que possa ser mostrado o objeto referido. Neste sentido, a questão que se coloca é esta: o que ocorre com a referência quando o discurso se torna texto?

A passagem da fala para a escrita altera a referência ao ponto de a tornar problemática. No discurso oral, a referência se dá no poder de mostrar a realidade comum dos interlocutores, isto é, a referência se dá na função ostensiva do discurso. E, ainda, se não se pode mostrar a coisa referida, pode-se, pelo menos, situá-la em relação à rede espaço-temporal à qual pertencem os interlocutores. Enfim, é “o ‘aqui’ e o ‘agora’, determinados pela situação do discurso, que conferem a referência última a todo o discurso” (RICOEUR, 1977, p. 47).

Este fundamento da situação dialógica é abalado pela escrita. Com a escrita já não há mais situação comum entre escritor e leitor, ficando, dessa forma, abolida as condições de mostração. Para Ricoeur, é graças aos limites impostos pela abolição do caráter mostrativo que torna possível o fenômeno “literatura” e, com efeito, possibilita o desenvolvimento do papel maior de toda a literatura, a saber, “destruir o mundo”.

Não há discurso, por mais fictício que seja, que não tem referência, que não vá ao encontro da realidade, que seja somente para a sua própria glória. Ricoeur (2000, p. 31) afirma que “a linguagem só tem referência quando usada”. No caso do discurso escrito, isto é, do texto, há linguagem em utilização e, conseqüentemente, deve ter um referente, mesmo que não haja situação comum entre autor e leitor. Sendo assim, os textos falam de coisas, de acontecimentos, de estados de coisas, de caracteres, que são evocados, mas que não estão aí. E, no entanto, os textos são a respeito de alguma coisa. A respeito de que? São a respeito de um mundo, que é o mundo desta obra.

Aqui, a minha tese é a de que a abolição de uma referência de primeira categoria, abolição operada pela ficção e pela poesia, é a condição de possibilidade para que seja libertada uma referência de segunda categoria que atinge o mundo, não apenas ao nível dos objetos manipuláveis, mas no nível que Husserl designava pela expressão *Lebenswelt* e Heidegger pela de ser no mundo. (RICOEUR, 1989, p. 121)

Longe de dizer que o texto não tem um mundo, Ricoeur afirma que é pelo texto que “o homem e só o homem tem um ‘mundo’ e não apenas uma situação” (RICOEUR, 2000, p. 47). Um “Welt” e não apenas um “Umwelt”. Para nós, o mundo é o conjunto das referências abertas pelos textos. Neste sentido, quando se fala em mundo da Grécia, não é para designar o que foram as situações para eles que as viveram, mas para designar as referências não situacionais que sobreviveram ao retraimento e que, portanto, são ofertadas como modos possíveis de ser, como dimensões simbólicas de nosso ser-no-mundo.

Como foi visto, o apagamento da referência de um primeiro nível, liberta um poder de referência para aspectos de nosso ser-no-mundo. Esta dimensão referencial tem um conseqüência importante para o conceito de interpretação. Se não se pode mais recorrer a intenção do autor e não se limitar a reconstruir a estrutura de uma obra, então o que permanece a ser interpretado? Para Ricoeur, “interpretar é explicitar o modo de ser-no-mundo exposto diante do texto”

(RICOEUR, 1989, p.121). O que se dá a compreender é o que aponta para um *mundo possível*, em termos de referência não ostensiva do texto. Pois, na medida que Ricoeur afirma que o papel da maior parte da literatura é destruir (des-Struo) o mundo, ele faz essa afirmação com o objetivo de destacar esse mundo do possível que o texto oferece. Os textos revelam ao sujeito mundos possíveis e maneiras possíveis de se orientar nas situações de cada dia.

A teoria da compreensão de Ricoeur, tal como defendida por Heidegger, já não está ligada a compreensão de outra pessoa, mas tem uma significação ontológica: “é a resposta de um ser lançado no mundo, que nele se orienta, projetando os seus possíveis mais próprios” (RICOEUR, 1989, p. 39). Desta compreensão heideggeriana, Ricoeur (1989, p. 122) conserva a ideia de “projeção dos meus possíveis mais próprios” e aplica-a à teoria do texto. Assim, ao entrar em contato com o texto, o sujeito encontra uma *proposta de mundo*, de um mundo que eu possa habitar e nele projetar meus possíveis mais próprios”.

O mundo do texto não é o mundo da linguagem cotidiana. Constitui, em verdade, uma espécie de distanciamento com o real. O texto, como já ficou assinalado, produz um distanciamento na nossa maneira habitual de apreender a realidade. O referente está em ruptura com a linguagem ordinária, a fim de que se abrem novas possibilidades de ser-no-mundo. O texto, dessa forma, visa o ser, no entanto, “não sob a modalidade do ser-dado, mas sob a modalidade do poder-ser. Por isso mesmo, a realidade quotidiana é metamorfoseada graças ao que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera no real” (RICOEUR, 1989, p. 123).

O mundo do texto, contudo, não se limita apenas a metamorfosear a realidade cotidiana. Além de introduzir um distanciamento entre o ser-dado e o poder-ser, libertando, dessa forma, o leitor da imediatidade fática e conduzindo-o ao mundo possível, o texto é mediação para a compreensão de si mesmo.

Esta abordagem coloca em cena a subjetividade do leitor. Prolonga o quarto caráter do discurso, a saber, de ser dirigido a alguém. No discurso oral o auditório é definido pelo próprio diálogo, enquanto que o discurso escrito “franqueia-se aos seus leitores e, assim, cria o seu próprio frente a frente subjetivo” (RICOEUR, 1989, p. 123).

O problema que se coloca é bem conhecido pela hermenêutica tradicional, em especial, a romântica. É o problema da apropriação ou da aplicação do texto à situação do leitor. Em Ricoeur (1989, p. 123), contudo, este tema da apropriação se transforma, pois “graças à distanciação pela escrita, a apropriação já não tem nenhuma característica de afinidade afetiva com a intenção de um autor”. A apropriação, como aqui referida, “é compreensão pela distância, compreensão na distância” (RICOEUR, 1989, p. 123).

O texto, exatamente na medida que não responde mais ao seu autor, responde ao sentido, isto é, a relação leitor com o mundo do texto toma o lugar da relação do leitor com o autor e, com efeito, a subjetividade do leitor é deslocada. É, nesse nível, que a mediação do texto se deixa compreender melhor. Pois, se, de fato, a primeira preocupação da hermenêutica não é descobrir uma intenção escondida no texto, mas expor um mundo diante dele, então, pode-se dizer, que o leitor compreende-se em face do texto. Ao invés de projetar as suas próprias crenças e preconceitos sobre o texto, o leitor é instruído pelo mundo do texto.

Daí em diante a hermenêutica não submete a interpretação às capacidades finitas de compreensão de um leitor dado. Não põe a significação do texto sob o poder do intérprete.

Longe de dizer que a compreensão é uma constituição de que o sujeito teria a chave, Ricoeur defende que a interpretação é o processo pela qual há o desvelamento de novos modos de ser, que proporciona ao sujeito uma nova capacidade de se compreender. Se existe algum projeto, é a referência do texto que é o projeto de um mundo. Compreender, portanto, é “compreender-se diante do texto” (RICOEUR, 1989, p. 125), é receber do próprio texto um novo modo de ser. Ricoeur (1989, p. 124), contudo, vai ainda mais longe e afirma:

[...] do mesmo modo que o mundo do texto só é real na medida em que é fictício, é necessário dizer que a subjetividade do leitor só se produz a si mesma na medida em que é posta em suspenso, irrealizada, potencializada, do mesmo modo que o próprio mundo que o texto desenvolve.

Por fim, a leitura/interpretação é um diálogo com a humanidade em que se torna possível uma reconstrução de sentidos de convivência. A importância da leitura manifesta-se, sobretudo, nesta potencialidade de compreender-se no mundo como um habitar qualificado em sua própria casa. Os saberes que a escola têm por tarefa de apresentar para as novas gerações se dá por meio de uma conversa que requer releitura e interpretação como uma forma de construção de significados em espaços-tempos novos. Ler, assim, é mais que um encontro com um conjunto de palavras, é um estar em relação consigo e com o mundo de uma forma privilegiada, aberta e capaz de perfectibilidade humana.

Referências

- ASSIS, Machado. *Crítica literária*. Disponível em: Domínio Público. Acesso: dez. 2020.
- BACON, Francis. *Ensaio*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Abecedário Gilles Deleuze*. Disponível em: <https://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>. Acesso: dez. 2020.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- MARQUES, Mario Osorio. *Escrever é preciso*. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*. Lisboa: Rés, 1986.
- RICOEUR, Paul. *Do texto à acção: ensaios de hermenêutica II*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- RILKE, Rainer Maria. *Elegias de Duíno*. São Paulo: Globo, 2001.
- ROCHA, João Cezar. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2013.